

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

André Bento Gehling

**Uma análise do romance *A morte de Ivan Ilitch* a partir do livro *A
Negação da Morte*, de Ernest Becker**

**PORTO ALEGRE
2021**

André Bento Gehling

Uma análise do romance *A morte de Ivan Ilitch* a partir do livro *A Negação da Morte*, de Ernest Becker

Trabalho de Conclusão de Curso
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia do
Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Amadeu de Oliveira
Weinmann.

Porto Alegre

2021

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, José Moreira Bento
e Hugo Gehling (*in memoriam*)

EPIGRAFE

*“Não é a morte que um homem deve
temer, mas deve temer nunca
começar a viver.” (Marco Aurélio,
Meditações)*

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o romance de Liev Tolstói, *A morte de Ivan Ilitch*, através do livro *A Negação da Morte*, de Ernest Becker. Aplica os conceitos trazidos por Becker, onde argumenta que a negação do terror da morte é a motivação básica para o comportamento humano, no livro de Tolstói e seu personagem principal: Ivan Ilitch.

Palavras-chave: A morte de Ivan Ilitch. Liev Tolstói. A Negação da Morte. Ernest Becker.

ABSTRACT

The main purpose of this paper is to analyze Tolstoy's novel *The Death of Ivan Ilitch* through the work of Ernest Becker in his book *The Denial of Death*. It applies the concepts brought by Becker, where he argues that the denial of the terror of death is the basic motivation for human behavior, in Tolstoy's novel and its main character: Ivan Ilitch.

Keywords: The Death of Ivan Ilitch. Liev Tolstoy. The Denial of Death. Ernest Becker.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ERNEST BECKER E A NEGAÇÃO DA MORTE.....	10
3 A MORTE DE IVAN ILITCH.....	12
4 A NEGAÇÃO DA MORTE E O PARADOXO DA EXISTÊNCIA.....	14
5 AS MENTIRAS DO CARÁTER DO HOMEM INAUTÊNTICO: A DEFESA DE IVAN ILITCH CONTRA O EXCESSO DE POSSIBILIDADE.....	23
6 O ADOECIMENTO DE IVAN ILITCH E A EXTINÇÃO DE SEU PROJETO CAUSA SUI.....	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
8 REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O novelista russo Liev Tolstói acreditava nos romances não apenas como uma fonte de entretenimento, mas uma ferramenta para crescimento psicológico e aprendizado. Era, em seus olhos, o meio supremo em que podemos conhecer os outros, especialmente aqueles que, à primeira vista, nos desagradam e, desta forma, os romances nos expandir nossa humanidade e tolerância. Tolstói não acreditava na ideia de arte pela arte. Ele estava profundamente investido na crença de que a boa arte deveria nos fazer menos moralistas e julgadores e deveria ser um suplemento à religião, nos termos de desenvolver nossa generosidade e moral (Bartlett, 2013).

Quando tinha aproximadamente setenta anos, Tolstói uniu seus pensamentos sobre o que é ser um escritor em um longo ensaio chamado “O que é arte?”. É um de seus trabalhos mais importantes e nele Tolstói propõe que a arte tem uma grande missão. Através dela, ele conta, sentimentos inferiores - menos necessários para o bem da humanidade - são expelidos e substituídos por sentimentos mais generosos, que nos serviriam melhor individualmente e coletivamente. Para ele, esse é o propósito da arte. Porém, como um escritor muito talentoso e sedutor, Tolstói sabia que os romances precisavam entreter e captar o leitor, se não as pessoas simplesmente não os leriam. Apesar disso, Tolstói também estava convencido de que eles precisam aspirar algo mais: ser um suporte em nosso cambaleante caminho para maior maturidade e generosidade. E os livros podem fazer isso porque são capazes de entrar em um lugar que deveríamos, mas a que raramente temos acesso: a vida interior de outras pessoas (Bartlett, 2013).

Em “O que é arte?”, Tolstói estava principalmente escrevendo sobre o trabalho de outros autores, mas são suas próprias conquistas que ele está, indireta e modestamente, resumindo. Seguindo o pensamento de Tolstói, grandes autores não deveriam estar apenas ajudando seus leitores a passar o tempo. Sua escrita deve ser uma forma de terapia, uma tentativa de aprofundar nossa saúde emocional e bom senso ético. Tolstói percebeu que a nossa imagem de como as outras pessoas são é uma grande força motriz em relacionamentos, economia e política. Ele ergueu a tentadora ideia de que a arte pode ser um grande veículo para atingir percepções mais precisas

e, geralmente, mais generosas sobre o que está acontecendo nas mentes e vidas de outras pessoas.

Em ressonância, Costa (2014), apresenta que o uso da ficção na academia, agenciada à problematização de um campo de pesquisa, nos permite “a complexificação do ‘objeto’, dar densidade às suas virtualidades que não cabem nos limites postos por sua representação atual: ultrapassar a descrição estrita do ‘dado’ adentrando nos meandros fugidios dos acontecimentos e seu intrincado campo de possibilidades. (p. 558)”. O autor compreende que o que provê relevância eficiente à ficção não é sua capacidade de ser ou não falseada, mas sim sua potência de produzir novas relações que deem corpo a problemáticas virtuais difíceis de serem apreendidas pelas palavras:

Para lidar com um território tão incerto como o das possibilidades, afetos e sensações, a ficção tem como aliado sua libertação do juízo de verdadeiro e falso: ela versa sobre um campo de possibilidades singulares e não de certezas gerais. Entre a potência de produzir variações e a consistência com as demais relações do mundo, aí se dão os pensares da ficção. (p.560)

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a obra “A morte de Ivan Ilitch”, de Tolstói, através do livro “A negação da morte”, de Ernest Becker. A Negação da Morte é uma obra de 1973 sobre psicologia e filosofia, em que o autor se baseia nos trabalhos de Søren Kierkegaard, Sigmund Freud, Norman O. Brown e Otto Rank. Recebeu o Prêmio Pulitzer de Não-Ficção Geral em 1974, dois meses após a morte do autor. O livro tem enfoque em como o ser humano desenvolve estratégias para afastar a consciência de sua mortalidade e vulnerabilidade e escapar para o sentimento de que é imortal. A noção de vulnerabilidade e mortalidade acarreta em ansiedade e, até mesmo, terror. Desta forma, a pessoa desenvolve estratégias para fugir do conhecimento da mortalidade e da ansiedade que essa consciência provoca.

2 ERNEST BECKER E A NEGAÇÃO DA MORTE

Ernest Becker (27 de Setembro, 1924 - 6 de Março, 1974) foi um antropologista cultural americano e pensador e escritor interdisciplinar. Ele escreveu diversos livros sobre o comportamento e motivação humana, mais notavelmente seu trabalho ganhador do Prêmio Pulitzer de 1974, *A Negação da Morte*. Nele, o autor argumenta que a motivação básica para o comportamento humano é a nossa necessidade biológica de controlar nossa ansiedade elementar, isto é, de negar o terror da morte. Becker sugeriu que uma função significativa da cultura é providenciar caminhos bem-sucedidos de envolver a negação da morte. Becker também observou que a raiz do mal jaz no egoísmo dos seres humanos, procurando proteger sua própria existência em face da sua mortalidade, o que ele considerou como um aspecto essencial da natureza humana. (Leifer, 1979)

A premissa básica de *A Negação da Morte* é que a civilização humana é, em última análise, um elaborado mecanismo de defesa simbólica contra o conhecimento da mortalidade. Devido aos seres humanos terem uma natureza dual consistindo de um ser físico e um ser simbólico, nós podemos transcender o dilema da mortalidade através do heroísmo, um conceito envolvendo a metade simbólica. Becker descreve a busca humana de “projetos de imortalidade” (ou *causa sui*), no qual nós criamos ou nos tornamos parte de algo que irá durar mais que o nosso tempo na terra. Ao fazer isso, nos sentimos heróicos e parte de algo eterno que nunca irá morrer, comparado ao corpo físico que perecerá. Isso dá aos seres humanos a crença de que suas vidas têm sentido, propósito e significado no “grande esquema das coisas” (Leifer, 1979).

Ainda, para Becker, a única fonte adequada de significado é transcendência, energia cósmica, propósito divino. O autor não acredita que alguém pode ser herói em qualquer sentido elevado sem alguma referência transcendental, como, por exemplo, ser um herói para Deus, ou para os poderes criativos do universo. Para ele, o tipo de heroísmo mais exaltado envolve o sentimento de que a pessoa viveu para algum propósito que transcende ela mesma. E seria este o motivo da religião dar à pessoa a validação que nada mais pode dar. Quando alguém finalmente quebra a “armadura do caráter” e descobre sua vulnerabilidade, se torna impossível viver sem uma grande quantidade de ansiedade, a não ser que

se descubra uma nova fonte de poder. É aí que entraria a ideia de Deus. (Keen, 1974)

A partir dessa premissa, a doença mental é perspicazmente extrapolada como uma dificuldade no sistema heróico da pessoa. Quando alguém experimenta a depressão, sua *causa sui* (ou projeto de imortalidade) está falhando, e, como resultado, está constantemente sendo lembrado de sua mortalidade e insignificância. Becker ainda argumenta que o conflito entre projetos de imortalidade contraditórios (especialmente na religião) é a fonte para a violência e a miséria no mundo causada por guerras, genocídio, racismo, nacionalismo e assim por diante, já que projetos de imortalidade que se contradizem ameaçam o âmago das crenças e da sensação de segurança de alguém (Liechty, 2008).

Becker também pontuou que os sistemas de heróis tradicionais da humanidade, incluindo a religião, não são mais convincentes na era da razão. Ele também nunca acreditou que a ciência pudesse resolver o problema humano. Ele declarou que as pessoas precisam de novas “ilusões” convincentes que permitam que elas se sintam heróicas no grande esquema das coisas, uma forma de imortalidade simbólica. Entretanto, ele não forneceu respostas definitivas, principalmente porque acreditava não haver uma solução perfeita. Em vez disso, ele esperava que a realização gradual de motivações humanas inatas pudesse ajudar a criar um mundo melhor, produzindo visões de mundo que oferecessem oportunidade para heroísmos não-destrutivos (Liechty, 2008).

3 A MORTE DE IVAN ILITCH

Ivan Ilitch, 45 anos, é um importante juiz de São Petersburgo, capital do Império Russo. Certa manhã os amigos de profissão deparam-se com a notícia do seu falecimento. O romance começa com Piotr Ivanovich contando aos colegas que Ivan Ilitch havia morrido. Os advogados e colegas de Ivan, centrados em si, apesar de expressarem publicamente uma comoção protocolar, enxergam a morte de Ilitch apenas como uma oportunidade de receberem uma promoção no trabalho.

A história então muda para 30 anos atrás. Ivan teve uma infância normal, estudou Direito e foi um aluno bem sucedido. Ivan internaliza os valores da classe média-alta da qual ele fará parte como advogado. O foco de todas as personagens são as intrigas em torno de posições, cargos e salários que os bens conquistados representam para dar a medida de sua importância social. Ivan é um frívolo, que nas horas vagas emprega suas energias à tarefa de emprestar à casa onde mora “um ar pronunciadamente aristocrático.” (p.19)

Na verdade, havia ali o mesmo que se encontra nas casas de gente remediada, mas que pretende aparentar opulência e apenas consegue que pareçam extraordinariamente umas com as outras: tapeçarias, ébano, plantas, pesados bronzes, cores escuras ou vivas, enfim, tudo aquilo que as pessoas de certa classe possuem para parecer com as pessoas da mesma classe. (Tolstói, 2009, p. 19)

O protagonista é apenas um imitador, sem nada de original, preocupado com as aparências sociais. Após lhe ser apresentada a proposta de se tornar juiz em outra cidade, Ivan Ilitch compra um apartamento para si, sua mulher e o casal de filhos que têm. Ivan muda-se primeiro e inicia as obras para decorar o apartamento da maneira que lhe agradava, mas cai e se fere na região do rim. Nesse ponto, Ivan Ilitch acredita ter contraído uma doença que, no entanto, em momento algum é diagnosticada, a qual gira sempre em torno de um rim ou intestino doente.

À medida que o tempo passa, o ferimento agrava-se, até que a personagem atinge o ponto de não poder mais sair de casa: quando tenta ir trabalhar, não é mais capaz de desempenhar as suas funções adequadamente. Restrito ao ambiente familiar, passa a acreditar que em sua casa vive uma mentira e que a sua família o esconde dos amigos. Ivan sente a falsidade da família e a companhia de todos o

desagrada, menos a do filho, de apenas 14 anos, e de Guerássim (um criado seu), por achar que são os únicos honestos.

Ivan Ilitch quer morrer, porque será o término da sua dor e da vida de mentiras em que acredita viver, mas o seu instinto de sobrevivência insiste em fazê-lo lutar pela vida. O personagem inicia, então, um longo processo de busca pelo sentido da vida, durante o qual percebe terem sido poucos os momentos da sua existência que possuíam significado.

4 A NEGAÇÃO DA MORTE E O PARADOXO DA EXISTÊNCIA

“Que ceco! Que rim!”, pensou. “Nada! Nada! Trata-se é da vida e... da morte. Sim, a vida era uma coisa minha e agora ela se esvai, se esvai, sem que possa impedir. É isso, só isso? Por que me iludir? Não é patente a todos, menos a mim, que eu estou morrendo e que é apenas uma questão de semanas, de dias, talvez agora mesmo? Havia luz na minha frente, mas agora só há trevas. Eu estava no mundo e vou abandoná-lo! Para onde irei?” Um arrepio percorreu-lhe o corpo, a respiração ficou suspensa e ele só ouvia as batidas do coração.

“Eu deixarei de existir, mas o que haverá depois? Nada. Então, onde estarei quando não mais existir? Será realmente a morte? Não, não quero morrer!” Soergueu-se, quis acender a vela, tateou-a no escuro com as mãos trêmulas, derrubou o castiçal, que caiu no chão, deixou-se tombar sobre os travesseiros. “Por quê? Tanto faz”, e perscrutava a escuridão com os olhos arregalados. “A morte. Sim, a morte. E nenhum deles sabe nem quer saber e não tem dó de mim. Divertem-se!” [...] “Não é possível que todos os homens estivessem condenados a sofrer um medo assim.”(Tolstói, 2009, p. 29-30)

No seu livro *“A negação da morte”*, Becker (1991) defende que o ser-humano é dividido em um corpo animal e um eu simbólico. Um eu simbólico interior, o que significa certa liberdade, e que está cercado por um corpo finito, o que limita essa liberdade.

A angústia do homem é uma consequência de sua absoluta ambiguidade e de sua completa incapacidade de dominar essa ambiguidade, de ser francamente um animal ou anjo¹. Ele não pode viver indiferente ao seu destino, tampouco pode exercer um controle seguro sobre esse destino e vencê-lo, por estar fora da condição humana...”. (p. 79)

Ainda, Becker (1991) afirma que a negação da morte psicológica é um dos motores básicos do nosso comportamento individual e é refletida em toda cultura humana. De fato, de acordo com o autor, uma das principais funções da cultura é evitar a consciência de nossa mortalidade. A supressão dessa consciência desempenha um papel crucial em manter as pessoas funcionando - se estivéssemos constantemente cientes de nossa fragilidade, do vazio inexorável que pode nos acometer a qualquer momento, enlouqueceríamos. Assim, a cultura

¹ Referência a Kierkegaard, leia-se autoconsciente.

desempenha essa crítica função, fazendo-nos sentir que nós, nossa realidade, é permanente, invulnerável e eterna.

Um dos tópicos que Becker (1991) utiliza para elucidar essa questão é a “ideia do heroísmo”(p.15). Para ele: “Uma maneira de olhar para todo o desenvolvimento da ciência social desde Marx e da Psicologia desde Freud é achar que ele representa um maciço detalhamento e esclarecimento do problema do heroísmo humano.” (p.15). Desta forma, o narcisismo seria um “conceito-chave” para compreender a ânsia do homem pelo heroísmo.

Freud descobriu que cada um de nós repete a tragédia do Narciso da mitologia grega: estamos perdidamente absorvidos em nós mesmos. [...] É esse narcisismo que faz com que, nas guerras, homens continuem marchando até poderem ser atingidos por tiros à queima-roupa: no fundo do coração, o indivíduo não acha que *ele* vai morrer, apenas sente pena daquele que está ao seu lado. A explicação de Freud para isso era de que o inconsciente não conhece a morte ou o tempo: nos seus recessos orgânicos fisiológicos mais íntimos, o homem se sente imortal. (p.16)

Ao descobrir que está padecendo, Tolstói descreve a incapacidade de Ivan Ilitch de compreender sua mortalidade:

Ivan Ilitch via que estava se finando e o desespero não o largava. No fundo da alma, sabia bem que ia morrendo, mas não só não se acostumava com a ideia, como não a compreendia mesmo - uma absoluta incapacidade de compreendê-la. O exemplo de silogismo que aprendera no compêndio de lógica de Kiesewetter - “Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal” - sempre lhe parecera exato em relação a Caio, jamais em relação a ele. Que Caio, o homem abstrato, fosse mortal, era perfeitamente certo; ele, porém, não era Caio, não era um homem abstrato, era um ser completo e absolutamente distinto de todos os demais. (Tolstói, 2009, p. 31)

Em *Reflexões Para os Tempos de Guerra e Morte*, Freud (1915/1996) escreve que revelamos “uma tendência inegável para pôr a morte de lado, para eliminá-la da vida. Tentamos silenciá-la;”(p. 299). Assim, ele traz o exemplo de como evitamos falar da morte de alguém “no campo auditivo da pessoa condenada”(p. 299). De fato, ao tentarmos imaginar nossa morte, invariavelmente, entramos na cena como observadores. O ato de contrabandear nós mesmos para a cena de

nossa morte seria um argumento a favor de nossa incapacidade de nos imaginarmos mortos. Apesar disso, sabemos que em algum momento iremos morrer e as pessoas, inclusive, se preparam para isso: fazem seguros de vida e escrevem testamentos. Entretanto, quando as pessoas ficam doentes, por exemplo, ficam surpresas com a sua mortalidade. Ivan Ilitch, neste caso, fica chocado ao descobrir que é mortal. O que Tolstói e Freud nos mostram aqui é que a maioria de nós fala que sabemos que iremos morrer, mas, em algum nível, não acreditamos.

Nosso inconsciente, portanto, não crê em sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal. O que chamamos de nosso inconsciente - as camadas mais profundas de nossas mentes, compostas de impulsos instintuais - desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de instintual em nós que reaja a uma crença na morte. Talvez, inclusive, isso seja o segredo do heroísmo. (Freud, 1915, p. 306)

Portanto, o ser humano seria incapaz de conter seu egoísmo, que viria de sua natureza animal e seria durante a infância onde veríamos a luta pelo amor-próprio na sua fase menos disfarçada: “A criança não tem vergonha daquilo que mais precisa e que mais quer. Todo o seu organismo proclama em voz alta as exigências de seu narcisismo.” (Becker, 1991, p.17). Tolstói (2009) descreve com maestria o sentimento de que a morte é algo que se aplica apenas aos outros, e na angústia acarretada ao cogitarmos nossa mortalidade, sendo mais fácil evitá-la:

“Ora, bem! Ele morreu e eu estou vivo!”, pensou ou sentiu cada qual. Quanto aos amigos mais chegados de Ivan Ilitch, os chamados íntimos, unânime e involuntariamente consideravam os aborrecidos deveres a cumprir - acompanhar o enterro e fazer uma visita de pêsames à viúva. (Tolstói, 2009, p. 3)

“Aquilo acontecera a Ivan Ilitch e não a ele; não lhe teria acontecido, nem poderia acontecer, e pensar de outra maneira seria cair num desgraçado estado de espírito que se fazia premente evitar, como a fisionomia de Schwarz era o melhor exemplo”. E, após tal reflexão, sentiu-se acalmado e entrou a crivar a viúva de perguntas sobre pormenores da morte do marido, como se morrer fosse coisa inerente a Ivan Ilitch e de modo algum a ele. (Tolstói, 2009, p. 8)

Assim, o heroísmo seria um reflexo do terror da morte: “o que mais admiramos é a coragem de enfrentar a morte; damos a esse valor a nossa mais alta e mais constante adoração; ele nos toca fundo em nossos corações, porque temos dúvida sobre até que ponto nós mesmos seríamos valentes.” (Becker, 1991, p.25). Ao mesmo tempo, aquilo que o homem mais precisa é sentir-se seguro em seu amor-próprio. É neste sentido que o anseio natural do homem pela atividade e expansão orgânicas pode ser sustentado, ilimitadamente, no reino dos símbolos e, com isso, passarmos à imortalidade, ou seja, incorporar a eternidade em nós mesmos. Para Becker, a combinação de narcisismo natural com a necessidade fundamental de autoestima está profundamente entranhada na constituição evolutiva e orgânica do homem. Desta forma, ao ignorarmos nossa mortalidade e vulnerabilidade construímos um senso próprio irreal e, como membros de uma sociedade, nos identificamos com um ou outro “sistema de imortalidade”, como Becker chamou.

[...] o problema da atividade heróica é o problema central da vida humana, que ele penetra mais na natureza humana do que qualquer outra coisa, porque é baseado no narcisismo organísmico e na necessidade que a criança tem de amor-próprio como a condição mesma de sua vida. A própria sociedade é um sistema codificado de heróis, o que significa que a sociedade, em toda parte, é um mito vivo do significado da vida humana, uma criação que desafia significados. Toda sociedade é, assim, uma “religião”, quer pense assim, quer não: a “religião” soviética e a “religião” maoísta são tão verdadeiramente religiosas quanto a “religião” científica do consumismo, não importa o quanto possam tentar disfarçar-se mediante a omissão de ideias religiosas e espirituais de suas vidas. (p.21)

Ou seja, nos identificamos com um grupo religioso, ou político, ou nos engajamos em alguma atividade cultural, ou adotamos algum ponto de vista aceito socialmente, em que investimos de significado e que atribuímos de verdade absoluta e permanente. É fácil com as redes sociais hoje em dia perceber tais afirmações, como as pessoas mentem para si próprias e para os outros, todos com opiniões bem formadas e vidas maravilhosas. José Ortega y Gasset (apud Becker, 1991) definiu essa característica humana com exatidão, muito antes da difusão da internet:

Examine as pessoas à sua volta e irá (...) ouvi-las falar em termos precisos sobre elas mesmas e seu meio, o que parecerá indicar que elas têm ideias sobre o assunto. Mas comece a analisar essas ideias e irá descobrir que praticamente não refletem, de forma alguma, a realidade a que parecem se referir, e se você aprofundar mais a sua análise, irá descobrir que não há nem mesmo uma tentativa de ajustar as ideias a essa realidade. Muito pelo contrário: através dessas teorias, o indivíduo está tentando cortar qualquer visão pessoal da realidade, de sua própria vida. Porque a vida é, no princípio, um caos no qual a pessoa se acha perdida. O indivíduo suspeita que seja assim, mas tendo medo de se ver face a face com essa terrível realidade, e tenta cobri-la com uma cortina de fantasia, onde tudo está claro. Não o preocupa o fato de suas "ideias" não serem verdadeiras; ele as usa como trincheiras para a defesa de sua existência, como espantalhos para espantar a realidade. (p. 58)

Desta forma, o estilo de vida de uma pessoa seria uma mentira vital:

[...] ele é uma desonestidade necessária e básica acerca da própria pessoa e de toda sua situação. Essa revelação é a conclusão a que realmente chega a revolução do pensamento de Freud, e é o motivo básico pelo qual ainda lutamos contra Freud. Não queremos admitir que somos fundamentalmente desonestos no que se refere à realidade, que não controlamos realmente nossas próprias vidas. Não queremos admitir que não ficamos sozinhos, que sempre nos apoiamos em algo que nos transcende, um certo sistema de ideias e poderes no qual estamos mergulhados e que nos sustenta. Esse poder nem sempre é óbvio. Não precisa ser abertamente um deus ou francamente uma pessoa mais forte, mas pode ser o poder de uma atividade que exija plena dedicação, uma paixão, a dedicação a um jogo, um modo de vida, que, como uma teia confortável, mantém a pessoa apoiada e ignorante a respeito de si própria, a respeito do fato de que não se apoia em seu próprio centro." (Becker, 1991, p. 66)

As defesas que formam o caráter de uma pessoa sustentam uma grande ilusão. Essa seria a grande dádiva da repressão: "possibilitar ao homem viver decisivamente em um mundo esmagadoramente miraculoso e incompreensível, mundo tão cheio de beleza, majestade e terror, que, se os animais o percebessem, ficariam paralisados, sem ação." (Becker, 1991, p.61). Esta, também, seria a irônica condição do homem: a mais profunda necessidade de livrar-se da angústia da morte, mas é a própria vida e autoconsciência que a desperta. A angústia do homem é uma consequência de sua absoluta ambiguidade e de sua completa incapacidade de dominar essa ambiguidade: "O homem quer ser um deus, com apenas os equipamentos de um animal, e por isso vive de fantasias." (p.69).

Becker (1991) chamou esse paradoxo existencial de “individualidade dentro da finitude” (p. 39).

O homem tem uma identidade simbólica que o destaca nitidamente da natureza. Ele é um eu simbólico, uma criatura com um nome, uma história de vida. É um criador com uma mente que voa alto para especular sobre o átomo e o infinito, que com imaginação pode colocar-se em um ponto no espaço e, extasiado, contemplar seu próprio planeta. Essa imensa expansão, essa sagacidade, essa capacidade de abstração, essa consciência de si mesmo dá literalmente ao homem a posição de um pequeno deus na natureza, como o sabiam os pensadores da Renascença.

No entanto, ao mesmo tempo, como também sabiam os sábios orientais, o homem é um verme e alimento para os vermes. Este é o paradoxo: ele está fora da natureza e inapelavelmente nela; ele é dual, está lá nas estrelas e, no entanto, acha-se alojado num corpo cujo coração pulsa e que respira e que antigamente pertenceu a um peixe e ainda traz as marcas das guelras para prová-lo. Seu corpo é um invólucro de carne, que lhe é estranho, sob muitos aspectos - o mais estranho e mais repugnante dos quais é o fato de que ele sente dor, sangra e um dia irá definhando e morrer. O homem está literalmente dividido em dois: tem uma consciência de sua esplêndida e ímpar situação de destaque na natureza, dotado de uma dominadora majestade, e no entanto retorna ao interior da terra, uns sete palmos, para cega e mudamente apodrecer e desaparecer para sempre. Estar num dilema desses e conviver com ele é assustador. (Becker, 1991, p. 39)

Diferente dos humanos, os outros animais estão protegidos desse sofrimento, confinados em seus instintos. “Instinto é uma percepção programada que mobiliza uma reação programada. É muito simples. Os animais não são provocados por aquilo a que não podem reagir. Vivem em um mundo pequenino, um fragmento de realidade, dentro de um programa neuroquímico que os mantém andando atrás de seu focinho e isola tudo o mais.” (Becker, 1991, p. 61). O indivíduo, entretanto, tem de fazer uma repressão global, de todo o espectro de sua experiência, para ter uma acalentadora sensação de valor interno e segurança básica, para poder lidar com os temores da vida e da morte:

Mas o homem, pobre criatura desnuda, tem de construir e obter o valor interno e a segurança. Terá que reprimir sua pequenez no mundo adulto, seus fracassos na tentativa de viver de acordo com as ordens e os códigos adultos. Terá que reprimir seus sentimentos de inadequação física e moral, não apenas a inadequação de suas boas intenções, mas também sua culpa e suas más intenções: os desejos

de morte e ódio que sente ao ser frustrado e bloqueado pelos adultos. Terá que reprimir a inadequação dos pais, as ansiedades e terrores destes, porque percebê-los termina por minar o sentimento de segurança e poder. Terá que reprimir sua própria anialidade, suas comprometedoras funções corporais que significam sua mortalidade, sua indiscutível transitoriedade dentro do mundo natural. E com tudo isso, e com muito mais que não mencionamos, terá que reprimir o assombro e o temor básicos diante do mundo externo. (Becker, 1991, p. 63)

Desta forma, o animal humano é caracterizado por dois grande temores - o da vida e o da morte. Através de Otto Rank e Heidegger, Becker conceitua que a ansiedade básica do homem se divide em duas partes, uma delas é a ansiedade *por* estar no mundo, enquanto a outra é a ansiedade *de* estar no mundo.

A grande simplificação científica apresentada pela psicanálise é o conceito de que toda experiência inicial é uma tentativa, por parte da criança, de negar a ansiedade com que ela vivencia o aparecimento neste mundo, negar o seu medo de perder o apoio, de ficar sozinha, indefesa e amedrontada. O caráter da criança, seu estilo de vida, é a sua maneira de usar o poder dos outros, o apoio das coisas e das ideias de sua cultura, de banir de sua consciência a realidade de sua impotência natural. Não apenas sua impotência diante da morte, mas sua impotência de ficar sozinha, firmemente enraizada em seus próprios poderes. (p. 64)

Ou seja, Becker (1991) conclui que “se o caráter é uma defesa neurótica contra o desespero e você abandona essa defesa, você então admite a enxurrada total do desespero, a plena percepção da verdadeira condição humana, aquilo de que os homens realmente têm medo, contra o que lutam, e para que são impelidos e para longe do que são levados.” (p. 67). Portanto, o caráter nada mais é do que uma estrutura erguida como mecanismo de defesa, tratando-se de estratégias utilizadas para evitar a angústia. No entanto, até que ponto a pessoa está sendo limitada pela mentira a respeito de si mesmo?

Kierkegaard compreendeu que a mentira do caráter se forma porque a criança precisa se ajustar ao mundo, aos pais e aos seus próprios dilemas existenciais. Ela se forma antes que a criança tenha a oportunidade de aprender sobre si mesma de uma maneira aberta e livre e, por essa razão, as defesas do caráter são automáticas e inconscientes. O problema é que a criança se torna dependente delas e passa a ficar encerrada em sua própria armadura do caráter, incapaz

de ver livremente além de sua prisão ou dentro de si própria as defesas que está usando, as coisas que estão determinando a sua não-liberdade. (Becker, 1991, p. 82)

Partindo do pressuposto de que a neurose retrata a veracidade da vida, tem-se que a vida é uma questão esmagadora para um ser que nasce desprovido de defesas inatas e que necessita proteger-se contra o mundo. Fato é que esta necessidade faz com que o indivíduo, assim como qualquer outro animal, ative defesas que reduzem o tamanho do mundo, repelindo a vivência de algumas experiências, resultando no desenvolvimento de uma alienação com relação aos terrores do mundo e de suas próprias angústias que, caso não o fizesse, resultaria em sua incapacidade de agir. “Nunca será demais repetir a grande lição da psicologia freudiana: a de que a repressão é a autoproteção normal, uma auto-restrição criativa - numa aceção verdadeira, o substituto natural do instinto, para o homem.” (Becker, 1991, p. 177)

Portanto, os seres humanos não foram feitos para assimilarem o todo ao seu redor, ou, como o próprio Becker (1991) menciona, não foram feitos para “serem deuses” (p. 178), mas para apenas contemplar a paisagem do mundo que se ergue diante de seus olhos, tal qual os outros animais. Já, a figura de Deus pode incorporar a totalidade da criação, justamente por que sua divindade lhe permite compreendê-la. “Mas assim que o homem levanta o nariz do chão e começa a farejar problemas eternos, como a vida e a morte, o significado de uma rosa ou um grupo de estrelas - aí ele se complica.” (Becker, 1991, p. 178). E, justamente com a finalidade de lidar, ou até mesmo ignorar tal problemática, é que a maioria das pessoas redireciona sua mente para as amenidades da vida, futilidades, ou outros problemas criados pela própria sociedade em que vivem.

Contudo, esta realidade demasiadamente grande para a absorção humana pode ocasionar um esforço ainda maior, justamente para estreitar essa realidade, e tal conduta exagerada, muitas vezes, resultaria em uma verdadeira anulação de si mesmo.

O detalhe irônico do estreitamento provocado pela neurose é que a pessoa procura evitar a morte, mas o faz anulando tanto de si mesma e um espectro tão grande de seu mundo de ação, que, na realidade, se isola e se diminui, ficando como se estivesse morta. Simplesmente não há como a criatura viva evitar a vida e a morte, e talvez haja uma

justiça poética no fato de que, se ela se esforçar demais para evitá-las, destrói a si mesma. (Becker, 1991, p. 181)

5 AS MENTIRAS DO CARÁTER DO HOMEM INAUTÊNTICO: A DEFESA DE IVAN ILITCH CONTRA O EXCESSO DE POSSIBILIDADE

“Tudo era feito com as mãos limpas, com camisas limpas, com frases francesas e, principalmente, no seio da melhor sociedade, por conseguinte com a plena aprovação das pessoas altamente colocadas.” (Tolstói, 2009, p. 11)

Becker (1991) relata que Kierkegaard apresentou algumas descrições de “estilos de rejeitar a possibilidade” ou, como ainda pode-se chamar, “mentiras do caráter” (p. 82). Uma de suas descrições seria o homem inautêntico: pessoas que evitam desenvolver sua singularidade e que seguem modelos de vida automática e pouco exigentes aos quais foram condicionados.

São “inautênticos” porque não pertencem a si próprios, não são pessoas “próprias”, não agem a partir de seu próprio centro, não vêem a realidade nos termos dessa realidade; são os homens unidimensionais totalmente imersos nos jogos imaginários que são jogados em sua sociedade, incapazes de transcenderem seu condicionamento social: os homens de empresa no Ocidente, os burocratas no Oriente, os homens tribais encerrados na tradição - o homem de toda parte que não entende o que significa pensar por si próprio e que, se entendesse, iria acovardar-se diante da ideia de tamanha audácia e risco. (Becker, 1991, p. 82-83)

O homem inautêntico procura uma vida ordinária porque o excesso de liberdade pode ser assustador. É mais seguro limitar-se àquilo que já está definido socialmente do que a um amplo horizonte de novas experiências.

Possibilidade demasiadamente grande é a tentativa, por parte da pessoa, de exagerar no valor dos poderes do eu simbólico. Reflete a tentativa de exagerar uma metade do dualismo humano em prejuízo da outra. Nesse sentido, o que chamamos de esquizofrenia é uma tentativa, por parte do eu simbólico, de negar as limitações do corpo finito; ao fazer isso, a pessoa toda se desequilibra e se destrói, a pessoa é dilacerada. A ruptura do eu e do corpo, uma ruptura na qual o eu fica desancorado, ilimitado, não preso o suficiente às coisas do dia-a-dia, não contido o suficiente num comportamento físico fidedigno. (Becker, 1991, p. 85)

Becker (1991) nos mostra que se, por um lado, temos a psicose como um excesso do eu simbólico em negar as limitações do corpo finito, no outro lado do

espectro teríamos a depressão, onde a pessoa tem receio de ser ela mesma, teme exercer a sua individualidade, apoiar-se nos seus próprios significados e, assim, não consegue compreender a situação que se encontra: “[...] não consegue entender por que se atolou.” (p. 88). Por isso ele afirma que “necessidade com a ilusão do significado seria a mais alta realização do homem; mas quando ela se torna trivial, não há sentido para a vida da pessoa.” (p. 88)

A maioria das pessoas, evidentemente, evita os extremos desse espectro, o colapso aconteceria devido a um excesso ou insuficiência de possibilidade. Na “neurose normal”, as pessoas encontram como viver em segurança dentro das possibilidades de um conjunto de regras sociais: “[...] o indivíduo acomodado, confia em que, mantendo-se em um nível baixo de intensidade pessoal, pode evitar ser desequilibrado pela experiência;”. Ou seja, “tranquilizando-se com o trivial”. (p. 90)

O indivíduo acomodado, aquele homem inautêntico, parece ser uma descrição precisa do protagonista da novela, Ivan Ilitch:

“Por que, afinal, não me casar?”

Praskóvia Fiódorovna pertencia a excelente família, não era feia, e possuía uma pequena fortuna. Ivan Ilitch poderia ter aspirado a um partido melhor, mas aquele já era bem satisfatório. Ele tinha apreciáveis vencimentos e ela, conforme esperava o noivo, teria uma renda mais ou menos igual.

Dizer que Ivan Ilitch se casou por ter se apaixonado pela moça e por ter encontrado nela compreensão para sua concepção da vida seria tão incorreto quanto afirmar que se consorciara porque a sua roda social aprovara o enlace. Esposou-a movido por suas próprias razões: o casamento lhe proporcionava particular satisfação e era visto como uma boa solução pelos seus amigos mais altamente colocados. (Tolstói, 2009, p. 13)

Com grande brilhantismo, Becker consegue traduzir esse dilema e explica por que caímos no caminho mais fácil do trivial:

De que maneira a pessoa é realmente ímpar, e como pode expressar essa singularidade, dedicá-la a algo que está além de si mesma? Como é que a pessoa pode tomar o seu ser interior privado, o grande mistério que ela sente no seu íntimo, suas emoções, seus anseios, e usá-los para viver mais distintamente, para enriquecer tanto a si mesma quanto a humanidade com a qualidade característica de seu talento? Na adolescência, na maioria de nós lateja esse dilema, e o expressamos com palavras e pensamentos ou com sofrimentos e

anseios sufocados. Mas, em geral, a vida nos suga atirando-nos a atividades padronizadas. O sistema social de heróis em que nascemos traça trilhas para nosso heroísmo, trilhas com as quais nos conformamos, às quais nos moldamos para que possamos agradar aos outros, tornamo-nos aquilo que os outros esperam que sejamos. E em vez de trabalhar o nosso segredo interior, vamos aos poucos cobrindo-o e esquecendo-o, enquanto nos tornamos homens puramente exteriores, jogando com sucesso o padronizado jogo dos heróis, no qual caímos por acidente, por conexões familiares, por um patriotismo reflexo, ou pela simples necessidade de comer e pela ânsia de procriar. (Becker, 1991, p. 91)

Desta forma, viver automaticamente é “ter garantida pelo menos uma participação mínima nas atividades grandiosas culturais programadas - o que poderíamos chamar de ‘heroísmo de prisão’: a presunção dos membros do grupo de que ‘sabem’.” (Becker, 1991, p. 95). Assim, o autor explica que a prisão do caráter é construída para negarmos nossa condição de criatura, pois, uma vez admitido, convidaríamos “o oceano primitivo da angústia animal a desaguar sobre você” (p. 95). Essa seria também uma angústia do nosso paradoxo humano, um animal que possui consciência de sua limitação animal:

O que significa ser um animal consciente de si mesmo? A ideia é absurda, se não for monstruosa. Significa saber que se é alimento de vermes. Este é o terror: ter surgido do nada, ter um nome, consciência de si mesmo, profundos sentimentos íntimos, uma torturante ânsia íntima pela vida e pela auto-expressão - e, apesar de tudo isso, morrer.” (Becker, 1991, p. 95)

De fato, Tolstói (2009) é claro ao demonstrar que durante toda a vida de Ivan Ilitch, tão aparentemente impressionante e satisfatória, havia a tentativa de negar para si mesmo os horrores da morte e suas implicações associadas ao significado da existência humana:

Ivan Ilitch consumia as manhãs no tribunal, voltava para jantar, a princípio bem-humorado, embora às vezes se irritasse, e sempre por causa do lar. [...] Mas, de um modo geral, a vida ia correndo dentro da sua concepção: sossegada, amena e decente. Levantava-se às nove horas, tomava o café, lia o jornal, depois envergava o uniforme e batia para o tribunal. Ali o esperava a canga do trabalho, à qual se submetia sem relutância [...]. Era mister eliminar nas suas ocupações o menor traço da refrescante realidade, que perturba o bom andamento burocrático, e manter contato com as partes exclusivamente dentro das normas oficiais. [...] Terminadas, porém, as relações burocráticas, cessa tudo o mais. Ivan Ilitch possuía no mais alto grau a capacidade de isolar o lado funcional, não confundindo jamais com a vida real. (p. 20)

6 O ADOECIMENTO DE IVAN ILITCH E A EXTINÇÃO DE SEU PROJETO CAUSA SUI

Tentou restabelecer uma velha corrente de pensamentos com que anteriormente escondia a ideia da morte. Mas, estranhamente, tudo quanto antes escondia, anulava, destruía a consciência da morte, já não surtia efeito. Ivan Ilitch passou, então, a consumir a maior parte do seu tempo nas tentativas de revigorar a primitiva corrente. Por vezes, dizia consigo mesmo: “Vou de novo me dedicar ao dever. Antes ele era toda a minha vida”. E ia para o tribunal, escorraçando todas as dúvidas e hesitações. [...] De repente, no meio de um julgamento, a dor do lado, indiferente ao processo em curso, recomeçava a sua teimosa ação. Ivan Ilitch voltava a atenção para ela, tentava enxotar a ideia que ela sugeria, mas não conseguia. (Tolstói, 2009, p. 32)

A paixão *causa sui* é uma fantasia energética que encobre a fundamental condição de criatura do homem, o que Becker (1991) chamou de “*sua inapelável falta de autêntica centralização em suas próprias energias para assegurar a vitória de sua vida*” (p. 113). Nenhuma criatura pode garantir isso e o homem só pode tentar fazê-lo em sua fantasia. A ambivalência do projeto *causa sui* é baseada na sempre presente ameaça de realidade, que está à espreita. O indivíduo desconfia de que é fundamentalmente incapaz e impotente, mas precisa protestar contra isso, porque ceder representaria a admissão emocional de que não há força dentro dele para suportar a experiência e admitir que o apoio precisa vir de fora, que a “justificativa para a sua vida tem que vir totalmente de alguma teia autotranscendente na qual a pessoa consente em ficar pendurada - tal como uma criança em sua caminha-berço, os olhos vidrados em admiração indefesa, dependente da mãe que se dirige a ela com voz suave.” (Becker, 1991, p. 113)

Individualização significa que a criatura humana tem que se opor ao restante da natureza e, como consequência, cria o isolamento que a pessoa não suporta e do qual precisa, no entanto, para desenvolver-se de forma distinta:

“O resultado final de tudo isso é que o heroísmo pessoal através da individualização é uma empresa muito ousada, precisamente porque separa a pessoa de confortáveis “aléns”. É preciso uma força e uma coragem que o homem comum não tem e nem poderia compreender - como Jung salienta tão bem. O ônus mais aterrorizador da criatura é ficar isolada, que é o que acontece na individualização: a pessoa se separa do rebanho. Esse movimento a expõe à sensação de estar completamente esmagada e aniquilada porque se destaca muito,

porque tem que carregar tanto em si mesmo. São esses os riscos quando a pessoa começa a criar consciente e criticamente o seu próprio arcabouço de auto-referência heróica.” (Becker, 1991, p. 171)

No caso de Ivan Ilitch, o seu trabalho era sua paixão *causa sui*. Através da sua profissão ele conseguia se sustentar como indivíduo, tinha um lugar bem definido e aceito no mundo e usava ela para alienar-se dos problemas familiares, das angústias da vida e da morte.

À proporção que a mulher se tornava mais irritadiça e exigente, ele ia transferindo o centro de gravidade da sua vida para o trabalho, querendo melhorá-lo cada dia e cada dia ficando mais ambicioso. E, não mais que um ano após o casamento, Ivan Ilitch chegou à conclusão de que a convivência familiar, embora ofereça certas vantagens, era uma coisa verdadeiramente complexa e difícil, para a qual é preciso elaborar uma relação definida, tal como perante o trabalho, a fim de se poder cumprir honradamente o dever, ou seja, levar-se uma vida que, pela correção, a sociedade aprove. (Tolstói, 2009, p. 14)

O principal, porém, era haver a sua vida de funcionário. Todo o interesse da sua existência se concentrou no mundo judiciário e esse interesse o absorvia. (p. 15)

Em suma, o que chamamos de caráter humano é, de fato, uma mentira sobre a natureza da realidade. O projeto *causa sui* é uma presunção de que o indivíduo é invulnerável porque está protegido pelo poder dos outros e da cultura, que é importante por natureza e pode fazer alguma coisa em relação ao mundo. Mas por trás do projeto *causa sui* paira outra inconveniente verdade: “a de que a vida humana pode não passar de um interlúdio insignificante de um perverso drama de carne e osso que chamamos de evolução; que o Criador talvez não se importe com o destino do homem ou com a autopreservação de indivíduos mais do que parece ter-se importado com os dinossauros ou com os tasmanianos.” (Becker, 1991, p. 186)

Portanto, Becker (1991) conclui que, quando a pessoa comum já não consegue realizar de maneira convincente seus seguros atos heróicos ou não pode esconder o seu fracasso em ser herói de si mesma, ela se atola no fracasso da depressão e em seu terrível sentimento de culpa: “[...] o problema da doença mental é o problema de a pessoa não saber que tipo de ato heróico está praticando, ou não

ser capaz - quando sabe - de tirar seus atos heróicos da estreiteza incapacitante em que se encontram e expandi-los.” (p. 244).

Ao surgir os primeiros sinais da sua doença, Ivan Ilitch procura refugiar-se no trabalho, como fez durante toda a vida. Entretanto, conforme sua condição vai se agravando e a dor não cessa, torna-se incapaz de trabalhar. É neste momento que Ivan Ilitch afunda em depressão. Agora ele não tem mais o sustento daquilo em que sempre se apoiou e faltam-lhe valores internos que o sustentem. A ansiedade perante a morte seria diminuída pela sensação de que a pessoa viveu uma vida significativa. Ivan Ilitch está morrendo com tanta intensidade porque viveu sem nenhuma, ele precisou entrar em um estado irreversível para acordar à finitude da vida, precisou enfrentar uma doença terminal para reconhecer a finitude da existência. Becker (1991) aponta que “o homem se sente inferior precisamente quando lhe faltam verdadeiros valores íntimos na personalidade, quando é simplesmente um reflexo de algo que está a seu lado e não possui um giroscópio interior para manter o equilíbrio, nenhum centramento em si mesmo.” (p. 174).

Neste ponto, Ivan Ilitch fica furioso com as maneiras que todo mundo usa para evitar de prestar atenção no único fato crucial da vida: que todos iremos morrer. Ao finalmente abandonar a negação de sua iminente morte, Ivan Ilitch abre a discussão que irá consumir seus pensamentos até o final: o que será dele depois de morrer? Neste momento, Ivan Ilitch entra em crise existencial: a mortalidade o faz levar em consideração um futuro em que ele não existe, o que o faz pensar na sua presente situação. Então, apenas depois de reconhecer que nenhuma razão, resposta, ou significado viria de suas indagações para aliviar ou justificar seu propínquo falecimento, Ivan Ilitch considera o que ele quer:

“O que é que tu queres?”, foi a primeira coisa que ouviu, claramente.
“O que é que tu queres? O que é que tu queres?”, repetiu. E respondeu: “O que eu quero é viver. Viver sem sofrer.”

E novamente prestou atenção e tão concentradamente que nem a dor o desviava.

“Viver? Como?”, perguntou a voz interior. “Ora, viver como sempre vivi. Bem, agradavelmente”, respondeu. “Como viveste antes, bem e agradavelmente?”, tornou a voz.

E ele começou a repassar na imaginação os melhores momentos da sua vida. Mas - coisa estranha! - tais momentos não lhe pareciam agora tão agradáveis como cuidava que fossem, salvo as primeiras recordações da infância. (Tolstói, 2009, p. 45)

Essa profunda insatisfação com seu passado, com sua vida, é o reconhecimento da superficialidade e inautenticidade na vida que escolheu. Quanto mais perto suas lembranças chegam à pura experimentação da infância, menos a vida o aterroriza. A persistência de seu conhecimento e desgosto pela superficialidade vivida o leva a tentar concluir como alguém “deveria” viver.

Ponderou que aquilo que antes acreditava ser totalmente impossível, isto é, não ter vivido como deveria, podia ser verdade. Considerou que as pequeninas tentativas que fizera, tentativas quase imperceptíveis e que logo sufocava, para lutar contra o que era considerado acertado pelas pessoas mais altamente instaladas na sociedade, podiam representar o lado autêntico das coisas, sendo falso tudo o mais. E que os seus deveres profissionais, sua vida regrada, a ordem familiar e todos os interesses mundanos e oficiais, não passassem de grandes mentiras. Tentou defender tudo aquilo perante si mesmo e, de repente, atinou com a fragilidade da sua defesa. Não, não havia nada a defender. (Tolstói, 2009, p. 48-49)

Finalmente, a realização de um caminho alternativo chega no último momento de vida, ao observar a dor que está causando em sua família. Ivan Ilitch finalmente ganha a perspectiva que o permite transpor seu medo da morte: acabar com o sofrimento da sua família.

“Sim, estou a atormentá-los”, pensou. “Eles lamentarão, mas estarão melhor quando eu tiver morrido.” Quis dizer o que sentia, porém não teve força. “Aliás, para que falar? Devo é agir”, pensou. Com um olhar à mulher, indicou o filho e falou: Leve-o daqui... Tenho pena dele... E de você também... Tentou acrescentar: “Perdoe-me”, mas disse: - Passe bem - e, não tendo mais força para corrigir o lapso, esboçou um gesto com a mão, sabendo que Aquele a quem se entregava devia compreendê-lo.

E, de repente, percebeu com nitidez que aquilo que o atormentara e o oprimia se ia dissipando, escoando para fora do seu corpo por todos os lados ao mesmo tempo.

“Ivan Ilitch tem piedade deles, não deve mais fazê-los sofrer. É preciso libertá-los e libertar ele próprio de tais tormentos. Como é bom, como é simples”, pensou. “E a dor”, perguntou em seu íntimo. “Que fim levou? Onde estás, minha dor?” E prestou atenção. “Ah, ei-la! E daí? É deixá-la doer. E a morte? Onde está?” Procurou o seu habitual medo da morte e não o encontrou. “Onde ela está? Que morte?”

Não tinha mais medo, porque também a Morte desaparecera de sua frente. Em lugar dela, via luz. “Então é isso!”, exclamou de repente em voz alta. “Que alegria!”. (Tolstói, 2009, p. 51-52)

Desta forma, a realização final de Ivan Ilitch pode ser entendida como um movimento para a autenticidade. Durante a longa agonia do definhamento de Ivan Ilitch, ele, possivelmente devido apenas à proximidade da não-existência, lentamente percebe que levou uma vida amplamente inautêntica, e é nos últimos momentos de sua vida, pelo menos em sua própria percepção, que ele retifica isso. A realização surge lentamente através de uma série de epifanias, primeiro de seu contexto, depois de sua vida e por último de suas crenças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Tolstói tinha mais de oitenta anos, abandonou sua esposa e sua família. Ele fugiu em uma congelante noite de novembro, contraiu pneumonia e morreu em uma estação enquanto aguardava por um trem. Seu funeral foi um grande evento público e milhares de pessoas de toda a Rússia e do mundo apareceram, o que foi apropriado porque seu legado tem enorme implicação social. Seu corpo foi retornado para sua casa e enterrado no jardim abaixo de algumas árvores em que costumava brincar quando criança (Bartlett, 2013).

Ao escrever sobre Ivan Ilich, Tolstói queria que víssemos a sua vida como uma representação de todo o potencial humano, se apenas pudéssemos acordar para ele antes que seja tarde demais. Ivan percebeu que não devemos ignorar a nossa mortalidade e ela deve continuamente inspirar generosidade e empatia. Enquanto ele vai falecendo, Tolstói imagina Ivan Ilich finalmente sentindo pena e perdendo todos ao seu redor. Tolstói reconta em detalhe os vastos dramas psicológicos e filosóficos que estão acontecendo dentro da cabeça do protagonista. Entretanto, tudo o que os outros ao seu redor - os médicos e sua família - têm a oportunidade de ver é um homem rabugento que passa a maior parte do tempo encarando as paredes e, apesar disso, nós podemos ver um visionário, um homem que adquire coragem moral e generosidade.

O desgaste causado pela atividade de mentirmos o tempo todo negando a mortalidade gera um desamparo desolador devido à violência que esse conhecimento pode causar, assim nos levando invariavelmente para a auto-ilusão. A redenção mostrada por Becker seria o enfrentamento dessa “mentira do caráter”. Se a conclusão final de Ivan Ilich - que a tentativa de viver uma vida autêntica, verdadeira aos seus desejos e consciente de sua existência e mortalidade vai erradicar o medo da morte - pode ser aceita como realística, pode-se ao menos esperar que tenha sido verdadeiro para Tolstói enquanto envelhecia. Da mesma maneira, pode-se esperar que todos que vivem deste modo autêntico, enquanto procuram conciliar o ato de existir com a natureza temporária dessa existência, possam adquirir a reconfortante realização do suspiro final de Ivan Ilich.

Da mesma maneira que Ivan Ilich percebeu que não devemos ignorar nossa mortalidade, Freud (1915/1996) escreveu:

“Não seria melhor dar à morte o lugar na realidade e em nossos pensamentos que lhe é devido, e dar um pouco mais de proeminência à atitude inconsciente para com a morte, que, até agora, tão cuidadosamente suprimimos? Isso dificilmente parece um progresso no sentido de uma realização mais elevada, mas, antes, sob certos aspectos, um passo atrás - uma regressão; mas tem a vantagem de levar mais em conta a verdade e de novamente tornar a vida mais tolerável para nós. Tolerar a vida continua a ser, afinal de contas, o primeiro dever de todos os seres vivos. A ilusão perderá todo o seu valor, se tornar isso mais difícil para nós.” (p. 309-10)

Também vimos com Becker (1991) que não há como dominar o verdadeiro dilema da existência, o de ser um animal mortal que tem consciência de sua mortalidade:

Uma pessoa leva anos para formar sua individualidade, desenvolver seu talento, seus dons ímpares, aperfeiçoar suas discriminações com relação ao mundo, ampliar e aguçar o apetite, aprender a suportar as desilusões da vida, amadurecer, tornar-se moderada - enfim, uma criatura ímpar na natureza, situando-se com certa dignidade e nobreza e transcendendo a condição animal; não mais movida só por impulsos, não mais puro reflexo, não estampada por nenhum molde. E aí vem a verdadeira tragédia, como escreveu André Maltraux em *The Human Condition*: são necessários sessenta anos de incríveis sofrimentos e esforços para formar um indivíduo desses, e aí ele só serve para morrer. Esse doloroso paradoxo a pessoa não o ignora, de modo algum. Ela se sente dolorosamente um ser especial, mas sabe que isso não faz diferença alguma no que se refere a coisas definitivas.” (p. 261)

Nós não compreendemos porque não sabemos a finalidade da criação. Sentimos a vida pulsar dentro de nós enquanto ela acomete as pessoas ao nosso redor ao mesmo tempo que elas destroem umas às outras. A vida, por motivos desconhecidos, expande em uma direção desconhecida: uma força motora de um mistério que não somos capazes de compreender.

Acho que levar a vida a sério significa mais ou menos o seguinte: seja lá o que o homem faça neste planeta, tem que ser feito na verdade vivida do terror da criação, do grotesco, do ronco do pânico por baixo de tudo. Caso contrário, será falso. O que quer que seja obtido deverá ser obtido de dentro das energias subjetivas das criaturas, sem subterfúgios, com o pleno exercício da paixão, da visão, da dor e da tristeza. Como vamos saber - com Rilke - que o nosso papel, dentro

dos desígnios do universo, não pode ser um canto de tristeza?
(Becker, 1991, p. 274)

Apesar de ninguém ser capaz de responder tal mistério, Becker oferece algumas sugestões que caminham lado-a-lado com as proposições de Freud e Tolstói, encararmos a realidade de nossa situação com autenticidade:

Quem sabe que forma o impulso da vida para frente irá tomar no futuro, ou de que modo ele irá usar a nossa angustiada procura. O máximo que qualquer um de nós parece poder fazer é criar alguma coisa - um objeto, ou nós mesmos - e largá-lo na confusão, fazer dele uma oferenda, por assim dizer, à força vital. (p. 276)

8 REFERÊNCIAS

Bartlett, Rosamund. *Tolstói: A Biografia*. Editora Biblioteca Azul: São Paulo, 01/07/2013

Becker, Ernest. *A Negação da Morte*. 12a edição. Editora Record: Rio de Janeiro, 01/04/1991

Costa, Luis Artur. *O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social*. Fractal: Revista de Psicologia [online]. 2014, v. 26, n. spe, pp. 551-576. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1590/1984-0292/1317>>. Epub 2014. ISSN 1984-0292.
<https://doi.org/10.1590/1984-0292/1317>.

Freud, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. 1915. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Keen, Sam. *A conversation with Ernest Becker*. Psychology Today (April 1974): 71-80.

Leifer, Ron. "Biography of Ernest Becker" International Encyclopedia of the Social Sciences, Volume 18. New York: The Free Press. 1979

Liechty, Daniel. n.d. Biographical Sketch. Ernest Becker and the Science of Man. Retrieved July 22, 2008.

Tolstói, Liev. *A morte de Ivan Ilitch*. 2a edição. Editora 34: São Paulo, 01/01/2009